

EDITORIAL

TRATAMENTO PELAS SULFONAS

"During more than 27 years of experience of leprosy treatment and trial of many drugs, the A. has not seen any remedy for definite lepromatous cases of leprosy which has given such uniformly favourable results".

E. Muir

— Brit. Med. JI. — 1947-799:

Em Editorial do n.º 1, vol. XVII, de Março do corrente ano teceu a Revista Brasileira de Leprologia comentários sobre uma entrevista de jornal que se publica no Rio de Janeiro, obtida entre os internados, em visita a um dos leprocômicos de São Paulo. Chamando a atenção para o inconveniente dessas publicações comuns a certa imprensa brasileira, salientou-se, ao mesmo tempo, a necessidade de uma nota conjunta do Serviço Nacional de Lepra e dos Serviços Estudais, colocando a questão em seus devidos termos. Vieram essas notas logo em seguida, primeiro a do Serviço Nacional de Lepra e depois a do Departamento de Profilaxia da Lepra de São Paulo, elucidando o público e a coletividade doente, sobre os reais efeitos da nova terapêutica e sobre a necessidade de seu controle por médicos especializados.

Imiscuir-se a imprensa leiga com espalhamento em matéria científica, é freqüente na história da lepra, no Brasil; outras drogas e outros processos terapêuticos já tiveram notoriedade nessa imprensa e sabemos o mal que isso acarretou à campanha profilática: Todavia, os novos medicamentos, que se apresentam com base científica, e que cientificamente têm sido observados, não só aqui no Brasil, como em todos os centros de leprologia do mundo, vieram, na realidade, revolucionar o problema do tratamento da leprose, pelos seus indiscutíveis efeitos, comprovados em todo lugar onde estão sendo experimentados, a ponto de terem sido, no V.º Congresso Internacional da Lepra (Cuba — 1948), recomendados como a mais ativa e eficiente medicação contra o mal de Hansen, destruindo de modo insofismável, o tabú do tradicional óleo de chaulmugra.

Essa medicação foi relegada a plano absolutamente secundário, após os notáveis resultados obtidos com as sulfonas; é natural que médicos aferrados à rotina dos antigos processos de tratamento, não queiram aceitar os fatos e os resultados da nova era terapêutica. E dentre esses, um, já encanecido na especialidade, e talvez por isso, tendo a mente fechada aos progressos da moderna leprologia, vem se destacando nas tentativas de desmoralização dos novos medicamentos, desmerecendo pela obsessão e falta de critério, os

numerosos títulos que consquistou *urbis et orbis*. Esse leprologo, dando expansão, mais uma vez, ao despeito pela organização do Serviço da Lepra de S. Paulo; aproveita a inoportunidade de seus comunicados acadêmicos, que não destoam do padrão personalista e quilométrico, para deblaterar contra a organização paulista, vasando a bilis de sua vaidade recalçada e mórbida.

E' a Revista Brasileira de Leprologia, órgão oficial da Sociedade Paulista de Leprologia, que reúne, em São Paulo, além de outros, todos aqueles que trabalham no Departamento de Profilaxia da Lepra. Este Serviço, pela sua organização, pelo que tem produzido no terreno profilático e científico tornou-se merecedor da consideração e admiração de todas as autoridades em leprologia. Desconhecer ou negar essa situação, é ter espírito sectário. A prioridade, neste terreno, do Departamento de Profilaxia da Lepra de São Paulo, antecipando-se de muito na experimentação das novas drogas e fazendo mais, instalando uma secção de Pesquisas Terapêuticas, com a criação de um Serviço de Química, capaz não só de produzir os medicamentos em uso, como igualmente sintetizar novos compostos sulfônicos, como o vem fazendo, tem doído a muito espírito rotineiro, que só tem sabido repetir, como cousa própria, processos terapêuticos que datam do século passado.

Negar, à priori, os resultados observados em São Paulo, sem repetir a experimentação em condições idênticas, é não querer render-se à evidência dos fatos, o que só se compreende em espírito obnubilado pela paixão.

Todos os que acompanham o emprego da nova droga, conhecem-lhe os efeitos, admirando o que representa como aperfeiçoamento de real e notável especificidade, mas que muito ainda resta a atingir na senda da terapêutica profilática do grande Mal. Não há uma publicação científica, partida de S. Paulo, que fale em cura. Referem-se sim, à branqueamento de lesões, de negatividade baciloscópic ou à profundas modificações morfológicas e tintoriais do germe, à "transferência para ambulatório"; esta regalia que o doente hospitalizado adquire, vem aliviar sobremodo a superlotação dos hospitais de lepra do nosso País, obtendo alta em negatividade baciloscópic, em ótimas condições clínicas, consciente do valor dos novos medicamentos, disciplinado quanto á necessidade do tratamento, ao contágio e á necessidade do controle clínico posterior, dando lugar a um lepromatoso, doente altamente contagiante, que a premência da superlotação impedia que se isolasse.

O assunto dêste Editorial, impõe aos leprólogos serena e justa apreciação do ponto de vista clínico-experimental, deante dos novos rumos da terapêutica da lepra.

Aplaquem-se as paixões e renunciem-se as vaidades para o bem do doente de lepra.